


MULHERES PRODUTORAS DE HQS E RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS
WOMEN PRODUCERS OF COMIC BOOKS AND VIABLE RESISTANCES
MUJERES QUE PRODUCEN CÓMICS Y POSIBLES RESISTENCIAS

Ana Paula Oliveira Barros¹

 10.21665/2318-3888.v8n15p100-126

RESUMO

Atualmente, questões outrora tidas como privadas, como as relacionadas ao sexo e ao gênero, passam a assumir o centro do debate político na sociedade. Essas relações, entre o íntimo e o político, possibilitam atos de resistência aos modos de subjetividades considerados legítimos na contemporaneidade. Desta forma, levando em conta que as histórias em quadrinhos são uma rica referência de construção da imagem da mulher e que, muitas vezes, acabam reificando os corpos e a sexualidade feminina com o intuito de satisfazer o olhar do espectador masculino, o presente trabalho visou refletir sobre como as produtoras de HQs independentes constroem as suas personagens a partir das diferentes formas de combate aos discursos hegemônicos. Com o intuito de responder minha pergunta de trabalho, foram escolhidas para análise obras das principais quadrinistas independentes do Brasil que abordam corpos e sexualidades na atualidade. As bases metodológicas da pesquisa proposta foram fundamentadas na pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Já o método utilizado para a verificação das HQs foi a Análise do Discurso de linha francesa. Após a pesquisa, foi possível concluir que parte das mulheres que tratam da temática do sexo em suas HQs o fazem de forma independente das grandes editoras, atrelada ao humor, e por meio de traços simples ou distorcidos, com o intuito de desconstruir certas verdades patriarcais acerca das sexualidades e dos corpos femininos.

Palavras-chave: HQ. Gênero. Corpos Femininos. Sexualidades.

¹ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: anapaulaobarros@yahoo.com.br.

ABSTRACT

Currently, issues considered at first as private, such as those related to sex and gender, come to assume the center of the political debate. These relations between the intimate and the political enable acts of resistance to the modes of legitimate subjectivities of contemporaneity. Thus, taking into account that the comics are a rich reference of the construction of the image of women and that, often, ends up the bodies and female sexualities in order to satisfy the gaze of the male spectator, the present work aimed to reflect on how the producers of independent comics build their characters from the different forms of combating the hegemonic discourses. In order to answer my work question, works of the main independent comic artists that address bodies and sexualities were chosen for analysis. The methodological bases of the proposed research were based on qualitative research of exploratory character. The method used to verify comics was the Analysis of french speech. After the research, it was possible to conclude that most women who deal with the theme of sex in their comics do so independently, linked to humor, and through simple or distorted traits, in order to deconstruct certain patriarchal truths about sexualities and female bodies.

Keywords: Comics. Gender. Female Bodies. Sexualities.

RESUMEN

Actualmente, las cuestiones consideradas al principio como privadas, como las relacionadas con el sexo y el género, llegan a asumir el centro del debate político. Estas relaciones entre lo íntimo y lo político permiten actos de resistencia a los modos de subjetividades legítimas de la contemporaneidad. Así, teniendo en cuenta que los cómics son una rica referencia de la construcción de la imagen de la mujer y que, a menudo, termina reficando los cuerpos y las sexualidades femeninas para satisfacer la mirada del espectador masculino, la presente obra pretendía reflexionar sobre cómo los productores de cómics independientes construyen sus personajes a partir de las diferentes formas de combatir los discursos hegemónicos. Con el fin de responder a mi pregunta de trabajo, se eligieron para el análisis obras de los principales artistas de cómic independientes que abordan cuerpos y sexualidades. Las bases metodológicas de la investigación propuesta se basaron en la investigación cualitativa de carácter exploratorio. El método utilizado para verificar los cómics fue el Análisis del habla francesa. Después de la investigación, fue posible concluir que la mayoría de las mujeres que tratan con el tema del sexo en sus cómics lo hacen de forma independiente, vinculada al humor, y a través de rasgos simples o distorsionados, con el fin de deconstruir ciertas verdades patriarcales sobre sexualidades y cuerpos femeninos.

Palabras clave: Cómics. Género. Cuerpos Femeninos. Sexualidades.

Introdução

As histórias em quadrinhos fazem parte de um contexto histórico e social específico e são produzidas por sujeitos históricos situados. Isso possibilita sua colaboração com os valores que permeiam determinada sociedade. Assim, devemos sempre fazer uma leitura crítica das HQs, analisando-as enquanto linguagem e levando sempre em consideração os discursos, hegemônicos ou não, ali inerentes. Sendo a HQ um espaço de comunicação, ela torna-se uma rica referência de construção da imagem da mulher², que, muitas vezes, acaba reificando o corpo e a sexualidade femininos com o intuito de satisfazer o gênero masculino. É importante também lembrar que as personagens femininas de quadrinhos foram durante muito tempo idealizadas por homens e para homens, de acordo com os seus discursos acerca do que é ser mulher, construindo seus corpos de acordo com expectativas masculinas.

Atualmente, nos deparamos com diferentes leituras da experiência política que persistem na centralidade das lutas identitárias, assim como dão sinais de reconfiguração do espaço público e apontam a importância das mídias digitais. Ao lado disso, é possível notar que questões, que muitas vezes são consideradas privadas, como as relacionadas ao sexo e ao gênero, passam a assumir o centro do debate político. Com isso, é importante estarmos atentos a essas relações entre o íntimo e o político na contemporaneidade, sem perder de vista que este vínculo entre política e intimidade está cada vez mais forte, e é responsável por desdobramentos que possibilitam atos de resistência aos modos de subjetividades considerados legítimos na contemporaneidade (CUNHA, 2018).

Com o intuito de cumprir com o propósito de responder minha pergunta de trabalho: os discursos presentes nas obras de quadrinistas mulheres subvertem os discursos patriarcais e hegemônicos acerca da sexualidade e do corpo da mulher?, tomarei como análise HQs de quadrinistas que produzem de forma independente e que utilizam as

2 É importante deixar claro que o termo “mulher” será usado neste artigo com o intuito de abarcar todas as pessoas que vivem seu gênero como feminino e não necessariamente aquelas possuidoras dos cromossomos XX. Assim, serão consideradas mulheres as transsexuais, as travestis, as homossexuais, as heterossexuais, etc. Esta escolha se deu por se acreditar que é limitador e produtor de novas invisibilidades equacionar apenas mulheres XX como o feminino.

plataformas digitais para distribuição de seus trabalhos. A escolha por determinadas obras específicas se deu por serem os nomes que mais aparecem quando se busca na internet sobre mulheres que produzem HQs com conteúdo que envolve corpo, sexo e sexualidade.

As bases metodológicas da pesquisa proposta são fundamentadas na pesquisa qualitativa de caráter exploratório, já que não tem o intuito de obter números como resultados, e que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou desdobrar hipóteses. Já o método utilizado para a análise das HQs será a Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente segundo as propostas de Michel Foucault (1986; 1996), que leva em consideração a construção do discurso enquanto situado num contexto social e histórico específico, e que é permeado por relações de poder.

Dessa forma, o intuito do trabalho é perceber se as HQs produzidas por mulheres, de forma independente, que abordam o tema do corpo e da sexualidade em suas obras, se constituem em lugares onde há disputas discursivas e negociações acerca dos corpos e da sexualidade feminina. Por meio das análises dos discursos dessas HQs será possível averiguar como essas quadrinistas constroem as suas personagens adotando diferentes estratégias de combate aos discursos hegemônicos.

1. Cultura e corpo nas Ciências Sociais

Sobre o conceito de cultura, um dos mais importantes trabalhos pela Antropologia, Clifford Geertz (2008) defende um que seja essencialmente semiótico. Portanto, ele não a vê como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. Considerando a cultura como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, ela não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; a cultura é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível.

Sobre o estudo do corpo nas culturas, alguns autores são de extrema importância, entre eles Le Breton (2007) que trata a corporeidade humana como um fenômeno social e cultural, e objeto de imaginários. Para o autor, o corpo é tanto emissor quanto receptor, e por isto produz sentido de forma contínua, inserindo o sujeito de forma ativa no interior do espaço social e cultural. Por ser moldado pelo contexto social e cultural em que o sujeito está inserido, o corpo acaba sendo “o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (LE BRETON, 2007, p. 7). Isto se dá porque a existência é, antes de qualquer coisa, corporal e é no corpo que surgem e se propagam as significações que dão fundamento a existência individual e coletiva.

O corpo é uma realidade que se modifica nas diferentes sociedades, e ele não pode ser considerado apenas uma coleção de órgãos arranjados de acordo com leis da anatomia e da fisiologia. Ele é, antes de mais nada, uma estrutura simbólica, superfície passível de projetar diferentes formas culturais. Desta forma, diante do que foi exposto, cabe a antropologia compreender a corporeidade como estrutura simbólica e destacar os discursos, os imaginários, os desempenhos e os limites que surgem como extremamente variáveis de acordo com as sociedades (LE BRETON, 2007).

Ao tratar sobre as lógicas sociais e culturais do corpo, Le Breton (2007) cita o trabalho de Marcel Mauss *As técnicas do corpo* lançado em 1934. Nesta obra, Mauss aponta que a tecnicidade não é monopólio único da relação do homem com a ferramenta, pois antes disto há outro instrumento fundador que é o corpo, sendo este o primeiro e o mais natural instrumento do homem, pois ao ser modelado de acordo com os hábitos culturais, ele produz eficácias práticas. Assim, para o autor deve-se levar em consideração que cada sociedade tem seus próprios hábitos, e por isto toda técnica tem sua forma, e o mesmo vale para toda atitude do corpo. Entretanto, graças aos meios de comunicação, houve uma proliferação maior de determinadas técnicas e algumas sociedades assimilaram costumes que não lhes eram próprios.

Mauss (2003) explana também sobre as técnicas da reprodução e sexualidade, pois não há nada mais técnico do que as posições sexuais. Neste ponto as técnicas e a moral sexuais possuem uma relação estreita. Há diversas técnicas dos atos sexuais que são consideradas normais ou anormais, pois dependem da aceitação de determinada

sociedade. Toques por sexo, mistura das respirações, beijos, as posições dos amantes, que mudam de uma sociedade para outra, assim como variam a duração das trocas, a possibilidade de escolha dos parceiros, etc.

Em seguida, Le Breton (2007) aponta outro campo de estudo sobre o corpo que se refere aos discursos ligados à corporeidade e que tornam o corpo um abundante reservatório de imaginário social. Dentro deste campo está a diferença entre os sexos. Contudo, um exemplo de que o corpo não é marca fatal do pertencimento biológico são os *Nuer* (1978). A etnografia de Evans-Pritchard (1978) deixa claro que somente as mulheres capazes de gerar filho são consideradas como tal, enquanto as estéreis são consideradas homens, podendo ter uma ou várias esposas se tiver condição de pagar os dotes.

Outro exemplo pode ser citado por meio da obra de Margaret Mead, *Sex and temperament in three primitives societies*. Mead (1935) demonstra o quanto o estatuto dos sexos e suas qualidades atribuídas são relativos culturalmente. Ela investiga três sociedades da Nova Guiné e percebe algumas características distintas da nossa sociedade, entre elas estão o fato de que mesmo com papéis diferentes, o homem e a mulher não possuem diferença de temperamento. Outro ponto é que a mulher é o parceiro dominante e o homem, dos dois, é o menos capaz e o mais emotivo. As características físicas e morais e as qualidades atribuídas ao sexo dependem das escolhas culturais e sociais e não de um dado natural que estabeleceria o homem e a mulher a um destino biológico.

Para Le Breton (2007) seria preciso avançar os estudos com contemporâneos para verificar as incidências do movimento feminista sobre as atitudes e os discursos atuais. O autor faz referência ao trabalho de Goffman, *La ritualisation de la féminité* (1988), que procura compreender as diferenças sexuais na publicidade, um território no qual se verifica uma exacerbação dos estereótipos ligados à feminilidade. O mesmo pode ser observado nas imagens presentes na mídia, de modo geral, já que ela é majoritariamente produzida por homens; nela, portanto, a ideologia patriarcal é construída por meio de um discurso do corpo feminino de acordo com suas necessidades e desejos.

É preciso então perceber a importância da antropologia e da sociologia para o estudo da diferença entre os sexos, visto que elas levam em consideração o outro como seus

objetos de estudo e prestam atenção à diferença, constituindo-se em áreas importante em que podemos buscar respostas em relação às questões de identidade de gênero e feminismo, principalmente no que concerne o que é ser mulher. Por meio de teorias antropológicas e sociológicas nota-se que há uma divisão tradicional dos papéis sociais entre homem e mulher, e que o social como naturalmente dado deve ser negado, pois a mulher não deve ser vista como um *segundo sexo* ou *sexo frágil*. Ou seja, as ciências sociais acabam oferecendo uma perspectiva promissora para o trabalho desconstrutivo da naturalização das desigualdades.

Dessa forma, visto que a corporeidade é matéria de símbolo e objeto de uma construção cultural e social, ela não deve ser considerada uma fatalidade que o sujeito deve assumir a qualquer custo. Sobre a diferença entre os sexos, Le Breton (2007) destaca que:

O feminismo através da atividade militante tornou possível a reflexão sobre certas desigualdades sociais e sobre os estereótipos de discursos e atitudes, sobre as práticas sociais que fazem da mulher, como evidência por outro lado Goffman, um ser frequentemente em exposição diante do homem e a ele subordinado. Nos anos 1970, o debate sobre a sexualidade, a contracepção, o aborto, etc., revelou os embates políticos dos quais o corpo da mulher podia ser objeto. E paralelamente, o do homem (LE BRETON, 2007, p. 68).

É possível apontarmos que o pensamento feminista, como expressão de ideias que resultam da interação entre desenvolvimento teórico e prático, não constitui um todo unificado. Porém, de acordo com Piscitelli (2001), apesar das diferenças das distintas correntes feministas, as abordagens desenvolvidas após o final da década de 1960 compartilham ideias centrais. Em termos políticos, consideram que as mulheres ocupam lugares sociais subordinados em relação aos mundos masculinos, e esta subordinação feminina é algo que varia de acordo com a época histórica e o lugar do mundo em que ela seja estudada. Em vez de aceitar a subordinação feminina como algo natural, o pensamento feminista sustenta que ela é decorrente das maneiras como as mulheres são construídas socialmente. Isto se torna essencial, visto que a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado.

Outro ponto em comum em relação às diversas vertentes feministas é tentar encontrar uma definição, em graus diversos de complexidade, de uma identidade feminina e do lugar da diferença, sendo que, do ponto de vista político, o empenho em se estabelecer esta identidade tem importância por ser uma necessidade tática na luta contra as

instituições do poder patriarcal. Nas décadas de 1960 e 70, essas questões da identidade e diferença foram inegavelmente importantes, pois conseguiram abrir espaços de expressão institucionais como a imprensa feminista, o cinema de mulher e os próprios estudos feministas como áreas de conhecimento. A introdução da categoria gênero substituindo a noção de identidade nesse quadro serviu para aprofundar e expandir as teorias críticas feministas, assim como privilegiou “o exame dos processos de construção destas relações e das formas como o poder as articula em momentos datados social e historicamente, variando dentro e através do tempo e inviabilizando o tratamento da diferença sexual como ‘natural’” (HOLLANDA, 1994, p. 14).

Sobre a questão de gênero, um ponto de vista interessante é o de Berenice Bento (2017). Para a autora, discutir gênero é percorrer por um conjunto de teorias, concepções e explicações sobre o que é ser masculino e feminino. Sua filiação teórica é vinculada aos estudos queer, que afirma que o gênero, a masculinidade e a feminilidade não têm ligação com a estrutura biológica, isto é, não têm a ver com a presença ou ausência de determinadas genitálias, determinadas características sexuais secundárias. Portanto, gênero está relacionado à performance, à prática e ao reconhecimento social. Para que uma pessoa seja reconhecida socialmente como uma mulher é preciso desempenhar um conjunto de práticas, de performances, que possibilitam este reconhecimento.

Para entendermos com mais clareza os motivos da imposição do modelo binário em nossa sociedade é importante destacar a teoria de Mary Douglas (1976). Por meio de sua obra percebemos que as sociedades estabelecem o estado de impureza como sinônimo de perigo e desordem, em que em oposição, os sentidos discursivos da pureza ou ordem são constituídos para manter a ordem social e institucional. Sendo a impureza uma ofensa contra a ordem, ao eliminá-la não estamos fazendo um gesto negativo, mas, sim, nos esforçando positivamente por organizar o nosso meio. Assim, teríamos alguns modelos de classificação de mundo a partir do desejo de ordem, e a desordem seria vista como uma ofensa ou ameaça à ordem estabelecida. Esse perigo seria configurado por meio de um sistema social cujas ideias são consideradas ambíguas e anômalas, sendo vistas como excrementos e abjetos.

A partir daí fica claro que os contatos que são tidos como perigosos transportam uma carga simbólica. É neste nível que as noções de impureza se relacionam com a vida social. No domínio sexual estas noções de perigo acabam sendo mais expressão de uma assimetria ou de uma hierarquia, do que qualquer aspecto da relação real entre os sexos. Para a autora, seria mais correto interpretá-las como a expressão simbólica das relações entre diferentes elementos da sociedade, ou seja, como o reflexo de uma organização hierárquica ou simétrica válida para todo o sistema social. Sendo importante destacar que só exagerando as diferenças como dentro e fora, por cima e por baixo, masculino e feminino, com e contra, é que se cria uma aparência de ordem.

De acordo com Marcel Mauss (2000), antes de mais nada, as coisas são sagradas ou profanas, puras ou impuras, amigas ou inimigas, favoráveis ou desfavoráveis e seus caracteres fundamentais exprimem a maneira pela qual elas afetam a sensibilidade social. Diferenças e semelhanças mais afetivas que intelectuais determinam a maneira pela qual elas se agrupam. Sendo que é o valor emocional das noções que é responsável na maneira pela qual as ideias se aproximam ou se separam, ou seja, é este valor que serve de caráter dominante na classificação.

Contudo, a emoção é qualquer coisa de vago e de inconsistente. Sua influência contagiosa se irradia além do ponto em que se originou, estendendo-se a tudo que a cerca. A emoção é naturalmente insubmissa à análise e desafia o exame crítico e raciocinado, principalmente quando é de origem coletiva. Assim, a pressão exercida pelo grupo social sobre os sujeitos não permite a eles julgar com liberdade noções que a própria sociedade elaborou. Tais construções são sagradas para os particulares. Pode-se dizer, então, que todas as classificações são responsáveis pelo “conjunto todo de hábitos mentais em virtude dos quais concebemos os seres e os fatos sob a forma de grupos coordenados e subordinados uns aos outros.” (MAUSS, 2000, p. 203).

Todavia, Pombo (2017) destaca que na nossa cultura atual há uma insuficiência do modelo binário e hierárquico de diferença sexual. Este não é mais capaz de acolher as novas formas de subjetividades e identidades contemporâneas. Isto se dá devido aos novos arranjos da sexualidade e da família. Ao levar em consideração o pensamento de Foucault acerca da historicidade da subjetividade e dos discursos, a autora aponta que

o modelo do binarismo sexual acaba sendo um entre muitos outros possíveis para o entendimento das formas de subjetivação atuais, que podem ser consideradas complexas e diversas. Isso demonstra a necessidade de novas teorias, ideias e reflexões.

Em seu artigo, Pombo (2017) trata de diferentes saberes subversivos, em que novas narrativas se propõem a lutar contra os efeitos de poder e de produção de subjetividade de discursos que, “ao se pretenderem os únicos possíveis para dar conta da singularidade da cultura contemporânea, legitimam atitudes excludentes e discriminatórias” (POMBO, 2017, p. 390). A primeira autora trazida por Pombo (2017) é Judith Butler. Butler (2008), ao partir da premissa foucaultiana de que a sexualidade é construída no interior das relações de poder e nas redes do discurso, enfatiza que as possibilidades subversivas do dualismo sexual devem ser repensadas nos próprios termos do poder. Ao partir da ideia de que o gênero é um conjunto de atos ou performances que se repete e se cristaliza com o tempo em uma estrutura rígida, Butler propõe que alguns tipos de repetições, a que chama de parodísticas, são subversivas, disruptivas, perturbadoras. As consequências dessa ação subversiva são o abalo das categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, e a sua ressignificação subjetiva além da estrutura binária.

Outro autor apontado por Pombo (2017) é Paul Preciado. Pombo (2017) inicia afirmando que com inspiração em Butler, o pensador “define o sexo, enquanto órgão e prática, como uma tecnologia de dominação heterossexual, que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica do poder entre os gêneros” (p. 399). Assim, os órgãos sexuais como tais não existem, são o produto de uma tecnologia que institui que eles adquirem significação nas relações sexuais e que devem ser utilizados de acordo com sua *natureza*, isto é, em relações heterossexuais.

No seu livro *Manifesto contrassexual*, Preciado realiza um trabalho de desconstrução contrassexual que rompe com uma série de binômios oposicionais: homem/mulher, homossexualidade/heterossexualidade, masculino/feminino, natureza/tecnologia. A contrassexualidade, para o autor, não é a criação de uma nova natureza, mas, sim, o fim da natureza como ordem que legitima a sujeição de uns corpos a outros. Em seu manifesto, Preciado (2014) enfatiza as zonas esquecidas pelas análises feministas e queer, entre elas o corpo como espaço de construção biopolítica, lugar de opressão, mas

também centro de resistências. O autor propõe novas tecnologias da sexualidade que mostram que o corpo é também o espaço político mais intenso para produzir operações de contraprodução de prazer.

Com isso, notamos o empenho, por parte de diferentes teorias, em desconstruir o modelo, opressor e ultrapassado, do binarismo sexual e de gênero. Pombo (2017) esclarece que cada uma das autoras trazidas acaba produzindo o que Foucault chama em *Microfísica do poder* de *uma nova política de verdade*, isto é, novos saberes que se opõem e lutam contra a coerção de um discurso teórico unitário. Assim:

Mais concretamente, ao questionarem as prerrogativas e os fundamentos do sistema sexual binário e hierárquico, tido como natural e imutável, e, sobretudo, proporem estratégias para subverter esse sistema, elas denunciam o seu caráter construído e abrem espaço para a criação de novos possíveis do sexo, das práticas sexuais, dos modos de vida e de relação. Abrem espaço, assim, para a alteridade e o erotismo. (POMBO, 2017, p. 403)

2. As plataformas digitais como possibilitadoras de resistências

As ciências sociais, a partir de suas raízes e investigações, se concentrou no social, na vida cultural e simbólica das sociedades e suas dimensões: política, religiosa, econômica, tecnológica, ecológica etc. Atualmente, as tecnologias digitais fazem parte da vida cotidiana de muitas pessoas, ao mesmo tempo que o digital acompanha o desenvolvimento de novas tecnologias e artefatos e abre novos espaços sociais, novas formas de produção, de controle social e de relacionamento, gerando continuidades e discontinuidades nas nossas maneiras de estar no mundo. Como resultado, o digital tem a ver com as formas de fazer e com as transformações sociais, aspectos que vislumbram o objeto de estudo tradicional das ciências sociais (ARDÈVOL; LANZENI, 2014).

Ao tratarmos as representações como elementos culturais de exposição, a abordagem da representação cultural tem fomentado uma visão totalizadora da representação, que leva em conta tanto os públicos, atores e criadores, como o lugar, o estilo e o texto. Essa abordagem também leva em consideração as formas com que os consumidores e produtores comunicam suas próprias imagens, a si mesmos e aos demais. A partir dos anos 1920 e 30 se proliferaram análises acerca do conteúdo e da repercussão dos meios de comunicação. Até pouco tempo, a maioria desses estudos partia do pressuposto de

que os significados do meio de comunicação eram absorvidos pelo público receptor sem problemas. Assim, todo meio de comunicação de massa comunicava uma mensagem uniforme e seus consumidores sofriam um impacto homogêneo (DICKY, 1997).

Sobre esse assunto, Rosane Prado (1999) aponta que, tanto no meio acadêmico quanto no senso comum, existe uma polêmica que envolve os meios de comunicação em geral. Por um lado, prevalece a ideia de que a mídia possui um poder inquestionável que leva à massificação, à homogeneização, em torno da passividade criada no público consumidor. De outro lado, acredita-se que esse poder tem limites, pois o público consumidor seria capaz de filtrar, processar e digerir as mensagens recebidas de acordo com suas referências culturais, já que o público não é homogêneo. A leitura, além de variar, pode fugir das intenções dos emissores, pois o consumidor possui capacidade de resistências aos mecanismos homogeneizadores do sistema. Na verdade, é possível dizer que há diferenciação e não homogeneidade, tanto na emissão quanto na recepção das mensagens. Nos últimos 15 anos essa percepção vem sendo mudada, principalmente a partir das reflexões instauradas por meio da obra de Raymond Williams em 1977. Ao combinar teoria e etnografia, Williams e outros teóricos passaram a investigar o potencial que existia dentro da cultura de massas e popular para expressar resistências por parte das pessoas em posição inferior (DICKY, 1997).

Dickey (1997) aponta que, hoje em dia, os estudiosos devem se questionar de que maneira pessoas diferentes criam e utilizam meios de comunicação diferentes e, também, perguntar como estes meios estão entranhados em sistemas sociais, políticos e econômicos. A autora se questiona o que apreendemos ao examinar os participantes no meio de comunicação como protagonistas diferenciados da criação e utilização desses meios. Um dos principais resultados é compreender de que maneira se empregam os meios de comunicação na prática rotineira e extraordinária de criar e impugnar representações de si mesmo e dos demais. Todos reconhecemos que uma das funções dos meios de comunicação consiste em proporcionar um espaço para que operem a imaginação e a construção de identidades e subjetividades.

Através dos trabalhos sobre identidade, é possível notarmos que as análises antropológicas cada vez mais numerosas sobre os meios de comunicação normalmente

tratam das complexas relações de poder codificadas em tais meios. Estes estudos têm sido com frequência o fruto de recentes discussões sobre os conceitos de resistência e dominação, e têm demonstrado como são permeáveis os limites entre ambos os conceitos. Alguns estudos recentes têm tratado outras formas dos meios de comunicação contemporâneos para proporcionar informação e servir de porta-voz a grupos e indivíduos que anteriormente haviam tido escasso acesso a estes meios (na qualidade de produtores e consumidores), e que eram contemplados com poucas imagens de si mesmos nos meios de comunicação ao seu alcance (DICKEY, 1997).

Dickey (1997) cita que um dos maiores avanços sociotecnológicos das últimas décadas tem sido o surgimento de novas formas de meios de comunicação cujos esquemas de controle, produção, conteúdo e consumo, diferem drasticamente das formas mais antigas destes meios. Por causa de seu relativo baixo custo e acessibilidade, essas novas formas de comunicação têm sido chamadas de mídia *democrática* e *participativa*. As mídias digitais são menos caras de produzir do que os filmes, a televisão ou a imprensa tradicional e, também, exigem menos treinamento técnico e são mais acessíveis aos produtores-consumidores. Essas mídias ainda fornecem uma plataforma para a criação de representações por muitos grupos e indivíduos que anteriormente tiveram pouco acesso à produção direta. Assim, essas novas formas de meios de comunicação são potentes meios de autoexpressão que podem ter um efeito de revitalização da cultura. Essas produções ainda podem servir como novos instrumentos para a autodeterminação e a resistência à dominação cultural do exterior.

De acordo com Beleli e Pelúcio (2018), a sociedade de informação pode ser considerada um campo de investigação riquíssimo, mas ainda falta percorrer um longo caminho de pesquisa para percebermos se e como as ideias que são debatidas nos ambientes digitais promovem modificações simbólicas, seja das demandas dos movimentos sociais contemporâneos, seja nas reconfigurações no presente. Para as autoras, provavelmente, o maior ganho social propiciado pela sociedade em rede seja a ampliação de ideias que questionam e desafiam certos discursos cristalizados sobre diferenças sociais e culturais fortemente marcadas por gênero, sexualidade, raça, classe etc.

Um ponto importante sobre a pesquisa nos meios digitais e a agência destes meios, é entendê-los em seu duplo sentido: como meios para a mudança social, ao mesmo tempo que como novos atores nas práticas e nos discursos socioculturais. Inclusive, muitos estudos têm se voltado para a análise das possíveis transformações sociais que implica a criação digital, como o sentimento de empoderamento das mulheres ao poder exercer a liberdade de expressão nos meios digitais (ARDÈVOL; LANZANI, 2014).

Em seu estudo sobre as transformações da sexualidade na modernidade, Michel Foucault (1986) aponta a intervenção institucional e política no controle social do corpo e da sexualidade, enfatizando o julgamento social sobre a própria subjetividade. O advento das comunicações digitais trouxe diversos questionamentos a esse controle. Em poucas décadas, a comunicação proporcionada pela conexão em rede passou a fazer parte das práticas cotidianas de um número sempre maior de pessoas, de modo que as esferas pública e privada já não podem mais ser pensadas sem essas ações. A disseminação das relações mediadas no mundo digital criou uma nova realidade social e subjetiva, desfazendo fronteiras entre público e privado, pessoal e político. Outro ponto é que a assim como o corpo, a subjetividade vai sendo constituída nessa interface entre corpo/tecnologia, expandindo a visibilidade de que antes poderia ser chamado de intimidade (BELELI; PELÚCIO, 2018).

Assim, segundo Cunha (2017), hoje em dia há uma reconfiguração dos sentidos do político e da nossa experiência subjetiva da política, ou seja, do modo como vivenciamos e atribuímos sentido ao que diz respeito a vida em sociedade. Um dos elementos decisivos dessa reconfiguração seria a subversão das fronteiras entre o público e o privado, não sendo apenas o declínio da esfera pública e da prevalência da esfera privada, mas, sim, a reconfiguração da esfera pública a partir da linguagem, valores e sentidos que antes marcavam apenas a vida íntima e que hoje utilizamos para conferir sentido a acontecimentos da esfera coletiva. A partir da eleição das redes sociais como campo privilegiado da experiência política, fica claro que tal agir na intimidade produz efeitos de fato na vida social e, também, se inscreve na forma dominante de compreender e fazer política na atualidade. Para o autor, tal valorização da intimidade pode ser vista enquanto resistência às formas de subjetividades hegemônicas da

contemporaneidade e seus dispositivos de normalização a partir da afirmação de que o íntimo é político.

Nesse cenário de relação entre o político e o íntimo, é possível dizer que o termo *empoderar* começou a ser bastante utilizado a partir da década de 1980, inspirado pelo legado dos movimentos sociais e políticos dos anos 1960 e 1970. De início, o feminismo radical³ não fazia referência ao termo *empoderar*, contudo, uma das contribuições mais importantes do movimento para o desenvolvimento do conceito está relacionada ao slogan *o pessoal é político*. Esta expressão surgiu no fim dos anos 1960, a partir da experiência dos grupos de conscientização feministas criados como parte do Women's Liberation Movement, nos Estados Unidos. Esses grupos reuniam mulheres ativistas e autoidentificadas como *radicais* para discutir questões relacionadas ao *ser mulher* na sociedade estadunidense. As participantes compartilhavam suas experiências, e percebiam que suas relações afetivas e familiares também se caracterizavam como relações de poder, em que as mulheres se encontravam em situação de desvantagem (SARDENBERG, 2018). Assim,

[...] registro da presença do *político* no domínio do *pessoal* pressupõe que as lutas de poder e as relações de dominação não existem somente no âmbito da *política* como esfera institucional, mas atravessam o conjunto da sociedade, incluindo-se aí as arenas privadas da vida familiar e das relações erótico-afetivas (HAMLIN; PETERS, 2018, p. 177).

Segundo Neiva (2018), hoje em dia, há grupos de pessoas, cada vez mais expressivos e numerosos no ciberespaço, que não se identificam com os padrões sexuais impostos pela sociedade e estão conseguindo adquirir visibilidade política. Com isso, a internet acaba servindo como um dos principais palcos no que se refere à visibilidade entre esses grupos. O foco desses grupos são as relações implicadas entre identidade, movimento político e a produção discursiva de categorias e convenções sexuais.

3 "O Feminismo Radical é uma corrente feminista que se assenta sobre a afirmação de que a raiz da desigualdade social em todas as sociedades até agora existentes tem sido o patriarcado, a dominação do homem sobre a mulher. (...). Para vencer a opressão feminina, as feministas desta corrente defendem que é fundamental, mas não basta apenas, concentrar os esforços na busca das explicações sobre as diferenças entre os sexos e a subordinação da mulher no sistema patriarcal, mas que as mulheres devem se unir na luta contra os homens (argumento criticado e considerado por outras feministas como "guerra dos sexos"), assim como, devem rejeitar o Estado e todas as instituições formais por ser produto do homem e, portanto, de caráter patriarcal." (SILVA, 2008).

Dessa forma, avaliar a produção acerca da sexualidade e do corpo da mulher através das HQs produzidas por mulheres é importante para percebermos estes discursos enquanto produtores de conhecimentos nessas relações de poder. No sentido de que Foucault (1986; 1993) alerta para a ideia de que poder também gera produção. A utilização por parte dessas produtoras das mídias digitais ocupa espaço privilegiado para alcançar o objetivo de resistir aos discursos hegemônicos patriarcais, destacando o uso das tecnologias de comunicação para o engendramento e o avanço das perspectivas e lutas políticas.

Para Butler (2018), quando corpos se unem em espaços públicos, eles exercem o direito de instaurar os corpos no campo político e possibilitam a criação de condições para ação em conjunto e no coletivo. Sendo importante citar que segundo Neiva (2018), os fóruns internéticos, blogs, comunidades online também são espaços públicos, já que são acessíveis a um grande número de pessoas. Ter seu trabalho sendo divulgado em amplo acesso nas redes, possibilita as mulheres criadoras de HQs, de propagarem discursos que estabelecem novas formas de subjetivação e questionam sobre as matrizes assimétricas que fazem parte do repertório cultural das sociedades ocidentais contemporâneas, no que se refere às culturas naturalizadas sobre sexualidades.

3. As mulheres produtoras de HQs e as possibilidades de resistências aos discursos patriarcais

Se para Foucault (1996), a construção dos sujeitos se dá por meio dos discursos que carregam efeitos específicos de poder, pode-se dizer que a sociedade produz discursos visuais do feminino, que são reflexo e resultado de uma ideia socialmente enraizada relativa à feminilidade, e estas imagens difundidas de forma massiva produzem e estabelecem modos de pensar o feminino nas sociedades ocidentais. Na verdade, essas imagens influenciam tanto a autoconcepção feminina quanto o modo como a sociedade aprende a pensar o que é ser mulher. As imagens são, então, um campo importante quando se trata de questionar relações de poder e de combater mecanismos de perpetuação da dominação masculina.

Sendo a HQ um espaço de comunicação visual e verbal, ela torna-se uma rica referência de construção das imagens de mulheres, que, muitas vezes, reifica os corpos e as sexualidades femininas com o intuito de satisfazer os homens. Quando se trata dos discursos presentes nas HQs com temática sexual é possível notarmos que, em sua maioria, elas constroem e mostram aquilo que se espera em relação à excitação, à sensualidade e à beleza dos corpos femininos, criando uma iconografia estereotipada em relação ao universo sexual das mulheres. E a beleza presente nas imagens é moldada por padrões e critérios bem definidos, no que diz respeito à idade, ao peso, à etnia e à classe. Esses discursos masculinos, baseados numa sociedade patriarcal, constituem e inundam a sociedade com imagens heteronormativas e colocam o corpo da mulher numa situação de objeto de desejo a ser observado e contemplado (BARROS, 2017).

Dessa forma, seria importante que as mulheres lutassem por emancipação para conseguirem se apropriar do poder de formação da sexualidade feminina, desestabilizando os discursos referentes às performances sociais das mulheres. Ou seja, ao exercerem seu próprio poder político frente aos discursos masculinos, heteronormativos e até mesmo racistas acerca da sexualidade e do corpo feminino, as mulheres podem passar a se definir a partir de seus próprios desejos. Do contrário, as mulheres poderão estar sujeitas a um discurso em que o sexo é poder e poder é dominação e violência.

Boff (2014) frisa que, no mercado de HQs, poucas quadrinistas conseguem destacar-se em termos nacionais e internacionais e com isto suas criações não chegam ao conhecimento popular de forma expressiva. Pelo fato de grande parte das produções femininas ser, muitas vezes, pouco favorecidas nas escolhas editoriais massivas, muitas mulheres acabam não tendo suas obras disseminadas. Outro ponto é que, as vezes, seus trabalhos também não chegam aos meios alternativos das pequenas editoras, ficando restritos a blogs ou sites particulares.

Apesar do campo das HQs ainda ser predominantemente masculino, desde a produção até o consumo, a participação feminina em suas produções, consumo, desenho e roteiro remonta à origem dos mesmos. Cunha (2016) cita o exemplo da tirinha *The old subscriber calls* produzida por uma mulher, Rose O'Neill, em 1896. Cunha (2016)

esclarece que as primeiras produções de tirinhas produzidas por quadrinistas mulheres seguiam, em sua maioria, os padrões de obras consideradas *femininas*. Essas produções pareciam trabalhos de mulher para agradar o público feminino de acordo com o imaginário da época, sem se libertar dos estereótipos normatizadores. Esse parecia ser o caminho possível num ambiente povoado por homens, em que as publicações estavam atreladas às demandas do editor, um sujeito masculino. O conteúdo dessas HQs era recheado de romances, moda, belas mulheres e crianças simpáticas.

Após a década de 1960, com a colaboração do movimento feminista e da contracultura, os quadrinhos *undergrounds* foram os responsáveis por ampliar a participação das mulheres de maneira consistente no campo das HQs nos Estados Unidos. Na verdade, o *underground* acabou sendo um lugar privilegiado para a produção feminina, principalmente porque era um ambiente alheio ao mercado em massa de produção e consumo, no qual as mulheres não precisariam se submeter ao pensamento hegemônico masculino (BOFF, 2014).

De acordo com Dantas (2006), é comum nos quadrinhos alternativos aparecerem casais compatíveis corporalmente falando. E há também bastante a presença de tipos diversificados tanto para homens quanto para mulheres, em termos de altura, peso e cor de pele. Isto é possível devido ao lugar de fala dessas autoras que estão inseridas no *underground*. As HQs independentes, por romperem com o cânone, constituem um campo que torna possível as tentativas de dissociação dos velhos estereótipos entre feminilidade e masculinidade. A partir disso encontramos com frequência nessas HQs dilemas referentes ao corpo que lidam com a contradição feminilidade-virilidade.

No campo do *underground*, uma das quadrinistas que se destaca e que aborda a temática do sexo é a norte-americana Aline Kominsky Crumb, autora da HQ *Essa Bunch é um amor*, publicada no Brasil em 2010 pela editora Conrad. Suas HQs possuem um teor humorístico bastante aguçado, suas narrativas trazem histórias de relações sexuais, baixa autoestima feminina e autodepreciação, relações instáveis com o próprio corpo e ainda histórias autobiográficas de sua vida amorosa com o seu marido e, também, quadrinista Robert Crumb (BOFF, 2014). Em todo momento, em suas histórias, a sexualidade feminina é tratada sem paradigmas e sem os estereótipos estabelecidos pelos discursos

masculinos, por meio de um traço bastante grotesco que deforma seus personagens, bem comum nos quadrinhos *underground*, que são reproduzidos de maneira bem distante dos padrões estabelecidos como belo.

Boff (2014) aponta que é comum encontrarmos muitas HQs produzidas por mulheres, principalmente após a década de 1960, que tratem sobre o campo psicológico e, também, da autobiografia das autoras. A libertação conquistada pelas mulheres e a ampliação dos movimentos feministas aumentaram as possibilidades criativas das quadrinistas. O teor presente nessas obras é, geralmente, de desabafo da condição feminina, especialmente sexual, cuja repressão já não atuava sem resistências significativas. Assim, os fatores que estimularam as mulheres a se apropriarem de seus discursos, também ajudaram a ampliar as possibilidades de expressão de grupos de mulheres diferentes entre si em relação a suas sexualidades ou etnias. Essa abertura permitiu tanto a entrada de mulheres negras na indústria dos quadrinhos, que utilizariam suas obras para discursar sobre questões raciais, quanto o surgimento de mulheres que discutiriam as relações homoafetivas nas HQs.

No caso do Brasil, Boff (2014) esclarece que quando as mulheres começaram a entrar na produção de quadrinhos em outros países, aqui as quadrinistas ainda tinham um papel bastante inexpressivo. Contudo, esse quadro vem mudando com o crescente aumento da produção no ambiente online e a organização de grupos de mulheres que desejam discutir o feminino e os quadrinhos, como exemplo o site *Lady's Comics*, o grupo *Inverna* e o *Projeto XXX*. Essa movimentação tem colaborado para a visibilidade de muitas produtoras de HQs brasileiras.

Em consonância com Masson (2016), com o crescimento da indústria pornográfica, principalmente a partir da década de 1950, os movimentos feministas passaram a se engajar na discussão a respeito da pornografia e a disputar a definição dos simbolismos relacionados com o corpo da mulher. Durante os anos 1980, o movimento feminista, que estava em sua segunda onda, combateu de forma enfática a indústria pornográfica, por ser o cenário cultural em que se reiteram os lugares do homem e da mulher. No entanto, esse posicionamento radical gerou uma reação dentro do próprio feminismo e

muitas militantes, como Betty Dodson e Annie Sprinkles, passaram a se identificar como feministas pró-sex.

Segundo Boff (2014), as melhores condições econômicas para as mulheres, as agitações sociais feministas e o declínio da taxa de natalidade em função da contracepção foram os responsáveis por potencializarem a mudança dos valores sexuais femininos. Estas transformações tornaram possível para as mulheres desassociar, de maneira efetiva, o sexo da reprodução, o que possibilitou a ampliação das possibilidades de discursos acerca do sexo para as mulheres. Desta forma, por mais que a autonomia sexual da mulher seja um processo lento e que, de tempos em tempos, encontra resistência, as temáticas acerca do sexo acharam terreno privilegiado nas HQs, apesar do número de mulheres quadrinistas que tratam desta temática de forma explícita seja bem pequeno comparado com a quantidade de homens.

Atualmente, as quadrinistas norte-americanas, que tratam sobre corpos e sexualidades em suas obras, publicam de forma independente por meio virtual. A série de antologias da quadrinista Spike Trotman intitulada *Smut Peddler* traz histórias eróticas de diversas mulheres. Entre elas estão a própria Spike, Jess Fink, E. K. Weaver, Amanda Lafrenais, Niki Smith, Megan Rose Gedris, entre outras. Muitos dos trabalhos presentes na HQ são produzidos de modo distante do olhar masculino e é possível encontrar a presença de diferentes tipos de corpos e sexualidades (COSTA; RABAY, 2016). Outro exemplo de produção independente americana que trata desse tipo de HQ é o site *Filthy Figments*, no qual é possível encontrar diversos quadrinhos eróticos feitos por mulheres ou não-binários quadrinistas. O portal surgiu em 2010 e seu objetivo é dar visibilidade a uma grande variedade de formas de apreciar e criar conteúdo pornográfico nos quadrinhos.

Com relação ao Brasil, pode-se dizer que o número de mulheres quadrinistas produzindo HQs sobre corpos e sexualidades ainda não é tão grande quanto o número de homens, e quando surge alguma, muitas vezes, não tem seu trabalho publicado por grandes editoras, o que a faz produzir de forma alternativa, seja por meios eletrônicos, seja por fanzines (BOFF, 2014; BARROS, 2017). Entre as quadrinistas que tratam de corpos e sexualidades em algumas de suas obras estão Gabriela Masson, Aline Lemos, Chiquinha e Priscila Vieira.

Gabriela Masson é uma quadrinista brasileira que usa o pseudônimo LoveLove6. Na sua fanzine autobiográfica, intitulada *A Ética do Tesão na Pós-Modernidade* e produzida de forma artesanal em 2013, é possível se deparar com um tipo de diário sexual, com relatos íntimos de confissões e reflexões sobre liberdade sexual, amor romântico, amor livre e monogamia. Segundo a própria Masson (2016), essa produção é feminista e tem como intuito desafiar discursos heteronormativos e questionar o patriarcado.

Já sua série de HQs *Garota Siririca*, também produzida de forma independente e disponibilizada por meio da mídia digital, conta a história de uma garota viciada em masturbação, suas aventuras eróticas e seu relacionamento com as amigas, através de uma narrativa bem-humorada. Para Masson (2016), o principal objetivo desse trabalho é estimular a discussão entre mulheres e sociedade a respeito da masturbação e da sexualidade feminina, por meio de uma abordagem didática. A autora ainda destaca que tinha como intuito explorar o tema da sexualidade por meio de uma perspectiva feminista, retirando dos corpos femininos padrões socialmente construídos que geram repressão sexual. Essa HQ pode ser compreendida “como uma produção de pornografia feminista, ou de pós-pornô, no sentido de representar visual e explicitamente relações sexuais e genitais, mas cuja atmosfera é talvez satírica, seguramente crítica, em vez de erótica” (MASSON, 2016, p. 60).

É notório que a pornografia feminista se faz presente na HQ *Garota Siririca* por meio de um discurso sobre os corpos e as sexualidades diferente daquele retratado pela indústria pornográfica heteronormativa. As diversas personagens que aparecem na HQ possuem características físicas, personalidades e orientações sexuais que constroem identidades destoantes do padrão pornográfico machista. Uma estratégia utilizada pela quadrinista para não retratar suas personagens nuas ou se masturbando de forma extremamente sexualizada é evitando *posar* as personagens de modo que aparentem flertar com o leitor, em função de um olhar externo à *realidade fictícia* vivida por elas. Isto se torna possível porque elas aparecem inseridas em contextos íntimos, dentro de seus quartos, onde não se preocupariam em ser observadas, e a quadrinista procura sempre desenhar as personagens à vontade e sempre enfatizando seu protagonismo e prazer no ato sexual ou na relação com seus próprios corpos.

Aline Lemos é outra quadrinista brasileira que não trabalha apenas com a temática sexual em suas HQs, mas trata também de temáticas diversas acerca do empoderamento feminino e, assim como Gabriela Masson, produz suas HQs de forma independente por meio de plataformas digitais. Aline Lemos nasceu em Belo Horizonte e produz seus quadrinhos desde 2013. Hoje em dia ela é colaboradora do portal *Lady's Comics* e participa dos coletivos de artistas *Zinas* e *100 Têtes* (VIANA, 2016). Sua HQ que mais chega próxima do gênero erótico é *Melindrosa*. Nela, por meio de um traço simples, mas bastante vivo e colorido, encontramos personagens com diferentes tipos de corpos e diferentes identidades de gênero, e é possível perceber o destaque dado pela quadrinista ao prazer e ao consentimento feminino, por meio de relações não necessariamente heteronormativas. Sendo importante citar que a narrativa presente em *Melindrosa* apresenta uma abordagem, por vezes, cômica.

Fabiane Longona, mais conhecida como Chiquinha, nasceu em Porto Alegre e é formada em jornalismo. Ela é um outro exemplo de quadrinista brasileira que utiliza do humor para fazer suas críticas em relação aos papéis designados às mulheres na sociedade. Cartunista, ilustradora e quadrinista, em suas obras, publicadas num site, a artista critica as concepções de mulher que a vinculam ao romantismo, ao desejo pela família e ao cuidado com o corpo, ao mesmo tempo em que discute as influências dos padrões de beleza na autoestima feminina. Toda essa crítica é feita por meio de personagens criadas através de traços grotescos e que ostentam um padrão bem longe do idealizado como belo. Diferente das outras duas artistas trazidas acima, Chiquinha já foi quadrinista de grandes portais de notícias, como a Folha de S. Paulo e o UOL, assim como já publicou livros, com compilação de seus trabalhos, por editoras menores.

A questão da objetificação do corpo e da sexualidade da mulher também é trazida na HQ de humor *Amely: Uma mulher de verdade* de Priscila Vieira, curitibana formada em Desenho Industrial. Surgida em 2005, por meio de um blog pessoal da quadrinista, Amely é uma boneca inflável que pensa e fala e que possui uma postura crítica em relação à própria identidade, pois reivindica sua transformação em sujeito. O discurso da coisificação da mulher é contrariado pela personagem, que contradiz sua própria imagem da boneca, de corpo perfeito e belo, que tem dono, ao apresentar discursos

emancipatórios (BOFF, 2014). Assim como Chiquinha, Priscila também já teve seus quadrinhos publicados na Folha de S. Paulo, assim como também publicou, por meio de uma pequena editora, um compilado de histórias de Amely em forma de livro.

De modo geral, pode-se afirmar que parte das mulheres que tratam sobre sexo, corpos e sexualidades em suas HQs o fazem de forma independente, por meio de mídias digitais, com o intuito de desconstruir certas *verdades* patriarcais acerca destes temas. Essas mulheres possuem um discurso basicamente humorístico ou grotesco para tratar da temática, utilizando traços simples ou distorcidos, como se essa fosse a forma mais viável de desconstruir os discursos hegemônicos masculinos. Isto se dá porque o campo do humor sempre foi um dos mais importantes em trazer críticas sociais e uma discussão do feminino nas HQs (BARROS, 2017).

Considerações Finais

Ao longo do trabalho foi possível perceber que o discurso patriarcal é permeado pelo modelo binário de gênero e constrói os corpos femininos pautados pelas idealizações do gênero feminino. Essas idealizações acabam operando opções, ações e desejos, assim como práticas que revelam o caráter ficcional de um corpo feminino original visto como natural. Assim, a experiência corpórea, que se materializa em certas performances, é responsável por conceber as subjetividades de gênero, isto é, a promessa de felicidade está diretamente ligada às formas corpóreas que se tem. Contudo, é preciso perceber que as pessoas não nascem e vivem com um único corpo, pois ao longo da vida os corpos mudam em diferentes proporções. Os corpos são refeitos, retocados, manipulados, seja com intuito de se adequar às normas, seja para subvertê-las. Isto comprova que a imagem de uma humanidade com apenas dois corpos, baseados na diferença sexual, e a busca do feminino e do masculino, fundamentada em uma origem biológica, não passam de uma ficção.

Sendo os discursos acerca dos corpos e das sexualidades das mulheres uma invenção ocidental classista, machista e racista, que cria um campo narrativo específico, se torna importante que as mulheres lutem por emancipação para conseguirem se apropriar do

poder de formação das sexualidades femininas, com o intuito de desestabilizar os discursos referentes às performances sociais das mulheres. Do contrário, as mulheres estarão sujeitas a um discurso em que o sexo é poder e poder é dominação e violência. Também foi possível constatar que, hoje em dia, há uma reconfiguração dos sentidos do político e da nossa experiência subjetiva da política, e que um dos elementos decisivos desta reconfiguração seria a subversão das fronteiras entre o público e o privado. A partir da eleição das redes sociais como campo privilegiado da experiência política, o agir na intimidade acaba produzindo efeitos de fato na vida social e, também, se inscreve na forma dominante de compreender e fazer política na atualidade. Ter seu trabalho sendo divulgado em amplo acesso nas redes, possibilita às mulheres propagar discursos que estabelecem novas formas de subjetivação e questionar sobre o repertório cultural das sociedades ocidentais contemporâneas no que se refere às culturas naturalizadas sobre sexualidades.

Luyten (s/d) explana que, após a década de 1990, ocorre uma mudança com a participação das mulheres no cenário dos quadrinhos nacionais. Começam a surgir muitas jovens quadrinistas por meio de publicações independentes e fanzines, que utilizam a internet e meios alternativos para difundirem sua voz e estética. O espaço online confere autonomia às quadrinistas, que podem atuar de maneira direta com seu público, o que possibilita colocar em prática suas convicções artísticas. Podemos apontar, então, que a presença de mulheres na produção de HQs, por meio da divulgação em plataformas digitais, pode significar uma revolução e uma transformação social no que diz respeito ao combate ao machismo presente na sociedade, pois possibilita a existência de falas femininas e de reivindicações de suas vontades.

Assim, foi possível constatar que parte das mulheres que tratam da temática do sexo em suas HQs o faz de forma independente, com o intuito de desconstruir certas *verdades* patriarcais acerca das sexualidades e dos corpos femininos. Essas mulheres possuem discursos, muitas vezes, humorísticos ou grotescos para tratarem da temática, utilizando traços simples ou distorcidos, como forma mais viável de desconstruir os discursos hegemônicos masculinos.

Referências

- ARDÈVOL, Elisenda; LANZENI, Débora. **Visualidades y materialidades de lo digital:** caminos desde la antropología. REVISTA ANTHROPOLOGICA/AÑO XXXII, N. 33, 2014, pp. 11-38.
- BARROS, Ana Paula Oliveira. **Homens e Mulheres produtores de HQ:** discursos sobre o corpo e a sexualidade da mulher na Indústria Cultural. Dissertação (Programa de pós graduação em Antropologia), Universidade Federal de Sergipe, 2017.
- BELELI, Iara; PELÚCIO, Larissa. Aperte play para iniciar: desafios metodológicos de pesquisas nas mídias digitais. In: DURÃO, Susana; FRANÇA, Isadora Lins (orgs.). **Pensar com método.** Rio de Janeiro: Editora Papéis Selvagens, 2018.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s:** gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: Edufba, 2017.
- BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena:** representações femininas nas histórias em quadrinhos. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas:** notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- _____. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- COSTA, Livia Pereira da; RABAY, Gloria. **Patriarcado e Sexualidade:** uma análise sobre a mulher presente nos webcomics “Garota Siririca”. XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades, Campina Grande, 2016.
- CUNHA, Eduardo Leal. **O Político e o íntimo** por Eduardo Leal Cunha; Psicanalistas pela democracia, 21/02/2017. Disponível em: <<http://psicanalisedemocracia.com.br/2017/03/o-politico-e-o-intimo-por-eduardo-leal-cunha/>>. Acesso em: novembro de 2018.
- CUNHA, Jaqueline dos Santos. **A representação feminina em Mulher Pantera e Mulher Maravilha.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2016.
- DANTAS, Daiany Ferreira. **Sexo, Mentiras e HQ:** representação e auto-representação das mulheres nos quadrinhos. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- DICKEY, Sara. **La antropología y sus contribuciones al estudio de los medios de comunicación.** Revista Internacional de Ciencias Sociales, UNESCO, n. 153, p. 1-23, 1997. Disponível em: <www.unesco.org/issj/rics153/dickeys.html>. Acesso em: janeiro de 2018.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- EVANS-PRITCHARD, E. **Os Nuer.** São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

- _____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1986.
- _____. **História da Sexualidade** – A vontade de Saber, vol. I. São Paulo: Graal, 1993.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **La ritualisation de la féminité. Lês moments et leurs hommes**. Paris: Seuil-Minuit, 1988.
- HAMLIN, Chyntia; PETERS, Gabriel. **Consumindo como uma garota: subjetivação e empoderamento na publicidade voltada para mulheres**. Lua Nova, São Paulo, 2018.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Feminismo em tempos pós-modernos. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **A mulher e as histórias em quadrinhos: sua produção e retratação no Ocidente e no Oriente**. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/6f/HQ_MULHERES.pdf>. Acesso em: agosto de 2016.
- MASSON, Gabriela Teixeira. **Projeto Pedagógico de formação da sexualidade da mulher e a Garota Siririca**. TCC (Graduação em Artes Visuais) – Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, pp. 367-397.
- MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação. In: DURKHEIM, Émile. **Sociologia**. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- MEAD, Margaret. **Sex and Temperament in Three Primitive Societies**, 1935. Disponível em: <<https://personalwebs.coloradocollege.edu/~mduncombe/WS%20110/Mead,%20Sex%20and%20Temperament.pdf>>. Acesso em: agosto de 2017.
- NEIVA, Giórgia de Aquino Neiva. **“Vamos sair do bolo com a nave ace?”** - Notas etnográficas sobre visibilidade política da e na assexualidade no ciberespaço. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.
- PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher?**. Campinas, 2001.
- POMBO, Mariana. **Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual e de gênero: apostas feministas e queer**. REVISTA PERIÓDICUS, v. 1, p. 388-404, 2017.
- PRADO, Rosane. Televisão, poderosa mas não tanto: cidade pequena, mulher e televisão. In: ECKERT, Cornelia; MONTE-MÓR, Patrícia (orgs.). **Imagem em foco: novas perspectivas em Antropologia**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1999.
- PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- _____. **Multidões queer: notas para uma política dos anormais**. Estudos Feministas 19, 2011.

SARDENBERG, Cecilia M. B. **O pessoal é político:** conscientização feminista e empoderamento de mulheres. Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.2, p.15-29, jan./jun. 2018.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. **Feminismo radical** – pensamento e movimento. Revista Travessias, v. 2, n. 3, 2008.

VIANA, Germana. **As quadrinistas do Social Comics.** Ladyscomics, dez/2016. Disponível em: < <http://ladyscomics.com.br/as-quadrinistas-do-social-comics>>. Acesso em: abril de 2017.

Recebido: 02.04.2020

Aprovado: 15.05.2020